



*este livro
pertence a*



a filha das estrelas



a filha das estrelas

nora roberts

Tradução de Isabel C. Penteado

Para o meu primeiro herói, o meu pai

PRÓLOGO

Los Angeles, 1990

Ela travou a fundo e embateu com força na borda do passeio. O rádio continuou a berrar. Ela levou as duas mãos à boca para conter o riso histérico. Um êxito estrondoso do passado, dissera o DJ. Do seu passado. A devastação ainda se fazia sentir.

De alguma maneira, o seu cérebro conseguiu resolver pequenas coisas: desligar a ignição, tirar a chave, abrir a porta. Toda ela tremia, apesar do calor da noite. Começou a correr, olhando freneticamente para a direita, para a esquerda, por cima do ombro.

O escuro. Ela quase esquecera que havia coisas que se escondiam no escuro.

A intensidade do ruído aumentava à medida que ela abria as portas. As luzes fluorescentes ofuscavam-lhe os olhos. Ela continuou a correr, sabendo apenas que estava apavorada e que alguém, fosse quem fosse, tinha de a ouvir.

Correu pelo corredor afora, o coração batendo com força de encontro ao peito. Mais de uma dúzia de telefones tocavam; vozes emergiam e misturavam-se em queixas, gritos, perguntas. Alguém praguejava baixinho, continuamente. Ela viu as portas com a placa Departamento de Homicídios e reprimiu um soluço.

Ele estava à secretária, recostado na cadeira com um pé sobre um mata-borrão rasgado e um telefone preso entre o ombro e a orelha. Levava um copo de esferovite com café aos lábios.

— Por favor, ajude-me — disse ela, desabando na cadeira diante dele. — Está alguém a tentar matar-me.

CAPÍTULO UM

Londres, 1967

Emma tinha quase três anos de idade quando viu pessoalmente o pai pela

primeira vez. Ela conhecia a sua aparência porque a mãe tinha fotografias dele, que recortara meticulosamente de jornais e revistas, espalhadas por todas as superfícies do atafalhado apartamento de três quartos em que moravam. Jane Palmer tinha o hábito de mostrar à filha as fotografias penduradas nas paredes manchadas de humidade e as assentes na mobília empoeirada e riscada, enquanto lhe narrava o maravilhoso caso amoroso que tivera com Brian McAvoy, vocalista do famoso grupo de rock *Devastation*. Quanto mais Jane bebia, mais intenso se tornava esse amor.

Emma entendia apenas partes do que lhe era narrado. Sabia que o homem das fotografias era importante, que ele e a banda tinham tocado para a rainha. Tinha aprendido a reconhecer a voz dele quando as músicas tocavam na rádio, ou quando a mãe colocava um dos discos de 45 rotações da sua coleção no gira-discos.

Emma gostava da sua voz e do que mais tarde viria a saber tratar-se da sua leve cadência irlandesa.

Alguns dos vizinhos censuravam o facto de a pobre criança morar com uma mãe que tinha predileção por gin e um temperamento violento. Por vezes ouviam as estridentes imprecações de Jane e os gemidos chorosos de Emma. Contraíam os lábios e as mulheres trocavam olhares de cumplicidade quando elas saíam para sacudir os tapetes ou pendurar a roupa lavada da semana.

No início do verão de 1967, o verão do amor, abanaram as suas cabeças quando ouviram os gritos da menina através da janela aberta do apartamento de Jane Palmer. A maioria concordava que a jovem Jane Palmer não merecia uma filha de rosto tão doce, mas murmuravam-no apenas entre si. Ninguém naquela zona de Londres sonharia denunciar tal coisa às autoridades.

Obviamente, Emma não entendia termos como alcoolismo, ou desequilíbrio emocional, mas embora tivesse apenas três anos, era perita a avaliar o estado de espírito da mãe. Sabia em que dias a mãe iria rir e acarinhá-la, e os dias em que iria ralhar-lhe e bater-lhe. Quando o ambiente no apartamento estava particularmente pesado, Emma pegava no seu cão preto de peluche, Charlie, enfiava-se no armário debaixo da pia da cozinha e, no espaço escuro e húmido, esperava que passasse a má disposição da mãe.

Havia dias em que não era suficientemente rápida.

— Está quieta, Emma! — Jane passou a escova pelos cabelos

louros-claros de Emma. De dentes cerrados, resistia ao impulso de bater com a parte de trás da escova no rabo da menina. Não ia perder as estribeiras naquele dia, não naquele dia. — Vou pôr-te bonita. Queres estar especialmente bonita hoje, não queres?

Emma não ligava muito a isso, principalmente quando a escova da mãe estava a magoar-lhe o couro cabeludo e o novo vestido cor-de-rosa estava áspero devido à goma. Continuou a contorcer-se no banco enquanto Jane tentava prender-lhe os caracóis fugidios com uma fita.

— Eu disse-te para estares quieta. — Emma guinchou quando Jane lhe fincou os dedos na nuca. — Ninguém gosta de uma menina mal-comportada e suja. — Respirou fundo duas vezes e relaxou os dedos. Não queria deixar nódoas negras na menina. Na verdade, amava-a. E as nódoas negras iriam causar muito má impressão a Brian, se ele as visse. Depois de a arrastar do banco, Jane manteve uma mão firme sobre o ombro de Emma. — Tira essa cara de amuada, minha menina. — Mas estava agradada com os resultados. Com os seus finos caracóis louros e os enormes olhos azuis, Emma parecia uma princesinha mimada. — Olha aqui. — As mãos de Jane tornaram-se de novo delicadas ao virarem Emma para o espelho. — Não estás bonita?

A boca de Emma desenhou teimosamente um beicinho enquanto se observava no espelho manchado. A sua voz espelhava o sotaque londrino da mãe e tinha um vestígio de ceceio infantil. — Faz cócegas.

— Uma mulher precisa de estar desconfortável, se quer que um homem a ache linda. — O próprio espartilho preto adelgaçante de Jane estava a apertá-la demasiado.

— Porquê?

— Porque faz parte do dever de uma mulher. — Virou-se, examinando primeiro um lado e depois o outro ao espelho. O vestido azul-escuro realçava-lhe as curvas roliças e destacava-lhe os seios generosos. Brian sempre gostara dos seus seios, pensou ela, sentindo um súbito desejo sexual.

Céus, ninguém antes, ou depois dele, se lhe comparara na cama. Ele tinha uma voracidade, uma fome selvagem, que escondia tão bem debaixo da aparência fria e arrogante. Conhecia-o desde a infância e tinha, intermitentemente, sido sua namorada durante mais de dez anos. Ninguém sabia melhor daquilo que Brian era capaz quando estava completamente excitado.

Jane permitiu-se fantasiar, apenas por um instante, como seria quando ele lhe despiesse o vestido, quando os seus olhos a perscrutassem, quando os dedos esguios, de músico, lhe desapertassem o espartilho rendilhado.

Tinham funcionado muito bem os dois, recordou ela enquanto se sentia humedecer. Iam voltar a funcionar.

Regressando à realidade, pegou na escova e alisou os cabelos. Gastara o resto do dinheiro do supermercado na cabeleireira, para tingir o cabelo liso, que lhe chegava aos ombros, da cor do de Emma. Virou a cabeça e viu-o oscilar de um lado para o outro. A partir daquele dia, nunca mais teria de se preocupar com dinheiro.

Os seus lábios estavam pintados de um cor-de-rosa clarinho; o mesmo tom que ela vira na supermodelo Jane Asher, recente capa da *Vogue*. Nervosa, pegou no lápis preto e acrescentou maior definição ao canto de cada olho.

Fascinada, Emma observava a mãe. Naquele dia cheirava a água de colónia *Tigress* e não a gin. Emma estendeu cautelosamente a mão para pegar no tubo de batom. A mão foi afastada com uma palmada.

— Não mexas nas minhas coisas. — Jane deu mais uma palmada no dedo de Emma. — Não te disse para nunca mexeres nas minhas coisas?

Emma anuiu com a cabeça. Os seus olhos estavam já repletos de lágrimas.

— E não comeces com essa choraminguice. Não quero que ele te veja pela primeira vez de olhos vermelhos e cara inchada. Ele já devia ter chegado. — A voz de Jane denotava alguma impaciência, o que fez Emma afastar-se cautelosamente dela. — Se ele não chegar dentro de pouco tempo... — Calou-se, estudando as opções enquanto se examinava ao espelho.

Sempre fora uma rapariga grande, mas nunca gorda. Era verdade, o vestido estava um pouco justo, mas o corpo esticava-o em zonas interessantes. A magreza podia estar na moda, mas ela sabia que, quando as luzes se apagavam, os homens preferiam as mulheres roliças e curvilíneas. Já sobrevivia à conta do corpo há tempo suficiente para estar certa desse facto.

A sua confiança aumentou quando se contemplou e se imaginou parecida com as modelos pálidas, de expressão soturna, que faziam furor em Londres. Não era suficientemente sensata para perceber que a nova

cor de cabelo não lhe assentava bem, nem que o cabelo escorrido lhe enrijecia os ângulos do rosto. Queria estar na moda. Sempre fora assim.

— Ele provavelmente não acreditou em mim. Não quis acreditar. Os homens nunca querem os filhos. — Encolheu os ombros. O pai nunca a quisera... até os seios terem começado a desenvolver-se. — Lembra-te disso, menina Emma. — Olhou pensativamente para Emma. — Os homens não querem bebês. Só querem as mulheres para uma coisa, que em breve descobrirás o que é. Quando acabam, não querem saber mais de nós e deixam-nos de barriga grande e coração partido.

Pegou num cigarro e começou a fumá-lo em baforadas rápidas e nervosas enquanto andava de um lado para o outro. Quem lhe dera que fosse erva, a doce e calmante erva, mas gastara o dinheiro da droga no vestido novo de Emma. Os sacrifícios que uma mãe fazia.

— Bem, ele pode não te querer, mas depois de te ver, não poderá negar que és dele. — De olhos semicerrados contra o fumo, examinou a filha. Sentiu mais um impulso, quase maternal. O pequeno diabrete era sem dúvida linda de se ver quando estava arranjada. — Tu és a cara chapada dele, Emma querida. Os jornais dizem que ele se vai casar com aquela puta da Wilson, de família rica e modos requintados, mas veremos se assim é. Ele vai voltar para mim. Eu sempre soube que ele ia voltar. — Esmagou o cigarro num cinzeiro lascado e deixou-o em brasa. Precisava de uma bebida, apenas um pouco de gin para acalmar os nervos. — Senta-te na cama — ordenou. — Senta-te aí e não faças barulho. Se mexeres nas minhas coisas, vais arrepender-te.

Bebeu dois copos antes de ouvir bater à porta. O coração começou a bater com força. Como a maior parte dos bêbedos, sentia-se mais atraente e mais no controlo depois de ter bebido. Alisou os cabelos, fixou o que considerou ser um sorriso sedutor no rosto e abriu a porta.

Ele era lindo. Por um instante, sob o luminoso Sol de verão, ela viu-o apenas a ele, alto e magro, o cabelo louro ondulado e a boca carnuda e séria que lhe conferiam a aparência de um poeta, ou de um apóstolo. Tanto quanto era capaz, Jane amava-o.

— Brian. Que simpático da tua parte teres vindo. — O sorriso dela desvaneceu-se imediatamente quando viu os dois homens atrás dele. — Agora viajas em bando, Bri?

Ele não estava com paciência. Carregava uma raiva latente por ter sido pressionado a reencontrar-se com Jane e culpava o agente e a noiva

por esse facto. Agora que estava ali, tencionava ir-se embora o mais rapidamente possível.

— Lembras-te do Johnno. — Brian entrou. O cheiro a gin, a suor e a gordura do jantar do dia anterior fizeram-no recordar com desconforto a própria infância.

— Claro. — Jane anuiu brevemente com a cabeça para o alto e desengonçado baixista. Ele usava um diamante no mindinho e ostentava uma barba escura e farta. — Fizemos sucesso, não, Johnno?

Ele olhou em volta para o apartamento desenxabido. — Alguns de nós.

— Este é o Pete Page, o nosso *manager*.

— Menina Palmer. — Elegante, na casa dos trinta anos, Pete ofereceu um sorriso repleto de dentes brancos e uma mão de unhas cuidadas.

— Ouvi falar muito de si. — Jane pousou a mão sobre a dele num convite a que ele a beijasse. Ele largou-lha. — Fez dos nossos rapazes umas estrelas.

— Abri algumas portas.

— Tocaram para a rainha, aparecem na televisão. Têm um álbum novo nos tops e uma grande digressão americana para breve. — Voltou a olhar para Brian. O cabelo chegava-lhe quase aos ombros. O rosto era magro, pálido e sensível. Reproduções do mesmo ornamentavam as paredes das adolescentes dos dois lados do Atlântico enquanto o segundo álbum, *Total Devastation*, disparava nas tabelas de vendas. — Conseguiste tudo o que querias.

Diabos o levassem se ia deixá-la fazê-lo sentir-se culpado por ter conseguido singrar na vida. — Exatamente.

— Alguns de nós conseguem mais do que querem. — Ela sacudiu os longos cabelos para trás. A tinta das bolas douradas que balançavam nas suas orelhas estava a descascar. Ela tornou a sorrir, posando um instante. Aos vinte e quatro anos de idade, era um ano mais velha que Brian e considerava-se muito mais sabida. — Eu oferecia-vos um chá, mas não estava à espera de tanta gente.

— Não viemos para tomar chá. — Brian enfiou as mãos nos bolsos amplos das calças de ganga. A expressão sombria que exibira durante a viagem acentuara-se. Sim, era ainda jovem, mas a vida tornara-o uma pessoa dura. Não tinha qualquer intenção de deixar aquela solitária viciada em gin arranjar-lhe problemas. — Desta vez não chamei a polícia,

Jane. Em nome dos velhos tempos. Se continuares a ligar-me e a enviar mensagens com ameaças e chantagens, acredita que o farei.

Jane semicerrou os olhos carregados de lápis. — Se queres pôr os chuis atrás de mim, vai em frente, pá. Veremos o que as tuas fâs e os seus paizinhos botas de elástico pensarão quando lerem que me engravidaste. Que me abandonaste e à tua pobre filha bebé enquanto rebolas em dinheiro e vives à grande. Quais seriam as consequências, Sr. Page? Acha que conseguia mais alguma apresentação diante da rainha?

— Menina Palmer. — A voz de Pete era suave e calma. Tinha passado horas a ponderar os prós e contras da situação. Um olhar informou-o de que desperdiçara o seu tempo. A solução para aquela situação seria dinheiro. — Estou certo de que não deseja expor os seus assuntos pessoais na imprensa. Nem me parece que deva falar em abandono quando não existiu.

— Oh! Ele é teu agente, ou teu advogado, Brian?

— Quando eu te deixei, tu não estavas grávida.

— Tu não sabias que eu estava grávida! — gritou ela, agarrando no colete de pele de Brian. — Só dois meses depois é que eu tive a certeza. Nessa altura já te tinhas ido embora. — Jane agarrou-se com mais força quando Brian começou a tentar soltar-lhe as mãos. — Eu conhecia pessoas que me podiam ter resolvido o assunto, mas tinha mais medo disso do que de ter a criança.

— Então ela teve um filho. — Johnno sentou-se no braço de uma poltrona e tirou um *Gauloise* que acendeu com um pesado isqueiro de ouro. Nos últimos dois anos habituara-se a gostos caros. — Isso não quer dizer que fosse teu, Brian.

— É dele, maricas d'uma figa!

— Ora, ora. — Impassível, Johnno deu uma passa no cigarro e soprou levemente fumo diretamente para o rosto dela. — És uma verdadeira senhora, não és?

— Para com isso, Johnno. — A voz de Pete mantinha-se baixa e calma. — Menina Palmer, estamos aqui para resolver o assunto o mais discretamente possível.

E era essa a carta que ela tinha na manga. — Já calculava que quisessem discrição. Sabes muito bem que naquela altura eu não andava com mais ninguém, Brian. — Encostou-se, pressionando os seios contra o peito dele. — Lembras-te daquele Natal... do último Natal que esti-

vemos juntos? Estávamos pedrados e um bocado loucos. Não usámos nada. A Emma faz três anos no próximo mês de setembro.

Ele lembrava-se, embora não o desejasse. Tinha na altura dezanove anos e muita música e raiva dentro de si. Alguém levava cocaína, e depois de a ter inalado pela primeira vez, sentira-se um autêntico garanhão. Ansioso por fornicar.

— Então tiveste uma filha e achas que ela é minha. Porque é que esperaste até agora para me contares?

— Já te disse que não te conseguia encontrar. — Jane humedeceu os lábios e desejou beber mais um copo. Não considerou sensato confessar que gostara de fazer papel de vítima durante algum tempo; a pobre mãe solteira, sem ninguém no mundo. Mas tivera um ou outro homem para aliviar o fardo.

— Entrei num programa para raparigas que se metem em problemas. Pensei dá-la para adoção. Depois de ela nascer, não consegui porque ela era a tua cara. Pensei que se a desse, tu descobririas e ficarias furioso comigo. Fiquei com medo que não me desses outra oportunidade. — Jane começou a verter lágrimas espessas que lhe esborrataram a maquiagem pesada. Eram mais impressionantes e perturbadoras por serem lágrimas sinceras. — Eu sempre soube que voltarias, Brian. Comecei a ouvir as tuas canções na rádio, a ver os teus posters nas discotecas. Tu estavas no caminho do sucesso. Eu sempre soube que conseguirias, mas, meu Deus, nunca pensei que chegarias tão longe. Comecei a pensar...

— Aposto que sim — murmurou Johnno.

— Comecei a pensar — disse ela por entre dentes — que irias querer saber da menina. Voltei à tua casa antiga, mas tinhas-te mudado e ninguém me quis dizer para onde. Mas pensava em ti todos os dias. Olha.

Pegou no braço dele e apontou para as imagens que tinha amontoado nas paredes do apartamento. — Recortei tudo o que encontrei sobre ti e guardei.

Brian viu-se reproduzido uma dúzia de vezes. O estômago deu uma reviravolta. — Credo.

— Liguei para a tua editora discográfica e cheguei até a ir lá, mas trataram-me como se eu fosse ninguém. Eu disse-lhes que era a mãe da bebé de Brian McAvoy e eles expulsaram-me. — Ela não acrescentou que estava bêbeda e que tinha atacado a rececionista. — Comecei a ler sobre ti com a Beverly Wilson e fiquei desesperada. Eu sabia que ela não

podia ter importância nenhuma para ti, não depois do que tínhamos tido. Mas precisava de falar contigo de qualquer maneira.

— Ligares para o apartamento da Bev e disparatares como uma doída não foi a melhor maneira de abordares o assunto.

— Precisava de falar contigo, de prender a tua atenção. Não sabes como é preocupares-te como vais pagar a renda, se tens comida suficiente, Bri. Já não posso comprar vestidos bonitos, nem sair à noite.

— É dinheiro que queres?

Ela hesitou um instante a mais. — Quero-te a ti, Bri, sempre quis.

Johnno apagou o cigarro na base de uma planta de plástico. — Sabes, Bri, falou-se muito sobre esta miúda, mas não vejo sinal dela. — Levantou-se e, num gesto típico, sacudiu para trás a farta e luzidia cabeleira escura. — Prontos para zarpar?

Jane lançou-lhe um olhar fulminante. — A Emma está no quarto. E não quero todos lá dentro. Isto é entre mim e o Brian.

Johnno sorriu-lhe com ironia. — Tu sempre deste o teu melhor no quarto, não foi, querida? — Os seus olhares fixaram-se por um instante, deixando transparecer a repulsa que sempre haviam sentido um pelo outro. — Bri, ela foi em tempos uma puta de primeira categoria, mas agora é de segunda. Podemos ir andando?

— Maldito maricas! — Jane saltou sobre ele antes de Brian a segurar pela cintura. — Não saberias o que fazer com uma mulher de verdade se ela te mordesse a picha!

Ele continuou a sorrir-lhe com sobrançaria, mas o seu olhar gelou. — Queres experimentar, querida?

— Eu sempre pude contar contigo para controlares as situações, Johnno — resmungou Brian enquanto virava Jane nos braços. — Disseste que este assunto era comigo, então não metas mais ninguém. Vou dar uma olhadela na miúda.

— Eles dois, não. — Jane rosnou a Johnno enquanto este encolhia os ombros e tirava mais um cigarro do maço. — Só tu. Quero privacidade nisto.

— Ótimo. Esperem aqui. — Manteve a mão no braço de Jane enquanto se dirigiam para o quarto. Estava vazio. — Estou cansado deste jogo, Jane.

— Ela está escondida. Esta gente toda assustou-a, só isso. Emma! Vem já aqui à mamã. — Jane ajoelhou-se ao lado da cama e de seguida

levantou-se para vasculhar o armário estreito. — Provavelmente está na casa de banho. — Saiu a correr e abriu uma porta ao fundo do corredor.

— Brian. — Johnno fez sinal da entrada da cozinha. — Está aqui uma coisa que és capaz de querer ver. — Levantou um copo num brinde a Jane. — Não te importas que eu beba um copo, pois não, amor? A garrafa estava aberta. — Espetou o polegar da mão livre em direção ao armário sob a pia.

Ali era mais forte o cheiro a mofo, a álcool, lixo apodrecido e trapos bolorentos. Os sapatos de Brian aderiram ao linóleo quando ele avançou para se agachar junto do armário. Ele abriu a porta e espreitou para o interior. Não dava para ver nitidamente a menina; apenas que estava encolhida ao canto, com os cabelos louros caídos sobre os olhos e algo preto nos braços. Brian sentiu um embrulho no estômago, mas tentou sorrir.

— Olá.

Emma enterrou o rosto no boneco de peluche preto que tinha apertado nos braços.

— Maldita pirralha! Já te ensino a esconderes-te de mim. — Jane tentou agarrá-la, mas um olhar de Brian deteve-a. Ele estendeu uma mão e sorriu de novo para a menina.

— Acho que não caibo aí contigo. Importas-te de sair só um minutinho? — Viu-a erguer os olhos sobre os braços cruzados. — Ninguém te vai fazer mal.

Ele tinha uma voz tão simpática, pensou Emma. Suave e bonita como música. Estava a sorrir para ela. A luz que entrava pela janela da cozinha iluminava-lhe os cabelos, fazendo brilhar o louro intenso. Como os cabelos de um anjo. Ela riu baixinho e saiu a gatinhar.

O vestido novo de Emma estava manchado com nódoas. Os finos cabelos de bebé estavam húmidos devido a um cano roto debaixo da pia. Ela sorriu, revelando pequenos dentinhos brancos com um incisivo torto. Brian deslizou a língua sobre um semelhante dentro da sua própria boca. Quando os lábios dela se curvaram num sorriso, uma covinha piscou do lado esquerdo da boca, idêntica à dele. Olhos de um azul tão intenso como o dele fitaram-no.

— Eu aperaltei-a toda. — A voz de Jane tinha agora um tom de lamento. O cheiro a gin estava a fazê-la salivar, mas ela tinha medo de

servir um copo. — E disse-lhe que era importante manter-se arranjada. Não te disse para não te sujares, Emma? Vou lavá-la. — Agarrou com força no braço de Emma, fazendo a menina sobressaltar-se.

— Deixa-a estar.

— Eu só ia...

— Deixa-a estar — repetiu Brian, num tom calmo, sombrio e ameaçador. Se não tivesse continuado a fitar a menina, o mais provável seria ela ter fugido de novo para debaixo da pia. A sua filha. Por um instante, ele só conseguiu continuar a fitá-la, cabeça zonha e estômago apertado. — Olá, Emma. — A sua voz tinha agora uma doçura que apaixonava as mulheres. — O que tens aí?

— O Charlie. O meu cãozinho. — Estendeu o boneco de peluche para Brian examinar.

— É muito bonito. — Ele sentia uma vontade imensa de lhe tocar, de roçar a mão sobre a pele dela, mas conteve-se. — Sabes quem eu sou?

— Das fotografias. — Demasiado nova para resistir a impulsos, ela estendeu a mão para tocar no rosto dele. — Bonito.

Johnno riu-se e bebeu um pouco de gin. — Não há mulher que resista.

Ignorando-o, Brian mexeu nos caracóis húmidos de Emma. — Tu também és bonita.

Brian começou a falar com a menina enquanto a observava atentamente. Tinha os joelhos a tremer como gelatina e o estômago contraía e relaxava como dedos estalando ao ritmo de uma canção. A covinha dela ficava mais profunda quando ela ria. Era como estar a observar a si mesmo. Teria sido mais fácil negar as evidências, e muito mais conveniente, mas impossível. Propositadamente, ou não, tinha-a gerado. Mas a orientação não chegou com a aceitação.

Brian levantou-se e virou-se para Pete. — É melhor irmos para o ensaio.

— Vais-te embora? — Jane adiantou-se rapidamente para lhe bloquear o caminho. — Assim, sem mais nem menos? Só tens de olhar para ela para veres.

— Eu sei o que vi. — Brian sentiu uma pontada de culpa quando Emma recuou em direção ao armário. — Preciso de tempo para pensar.

— Não, não! Vais-te embora como da outra vez. Estás a pensar só em ti, como sempre. O que é melhor para o Brian, o que é melhor para a

carreira do Brian. Não me vais abandonar outra vez. — Ele tinha quase chegado à porta quando ela pegou em Emma e correu atrás dele. — Se te fores embora, eu mato-me.

Ele parou para olhar para trás. Era um refrão familiar. Podia usá-lo numa canção. — Isso deixou de resultar há muito tempo.

— E a ela. — Desesperada, ela atirou a ameaça e deixou-a no ar enquanto ambos a consideravam. O braço que ela tinha em redor da cintura de Emma apertou com mais força até a menina começar a gritar.

Ele sentiu uma onda de pânico invadi-lo quando os gritos da criança, da sua filha, começaram a ecoar. — Larga-a, Jane. Estás a magoá-la.

— O que é que te interessa? — Jane já chorava e a sua voz estava cada vez mais alta para abafar a da filha. — Vais-te embora.

— Não, não vou. Preciso de um pouco de tempo para pensar melhor nisto.

— Tempo para o teu agente conseguir inventar uma história, que res tu dizer. — Ela respirava aceleradamente, segurando com ambos os braços Emma, que se debatia. — Vais fazer o que for melhor para mim, Brian.

As mãos dele tinham-se cerrado em punhos. — Pousa-a no chão.

— Eu mato-a. — Ela afirmou-o mais calmamente desta vez, depois de ter pensado no assunto. — Juro que lhe corto a goela e depois a minha. Consegues viver com isso, Brian?

— Ela está a fazer *bluff* — resmungou Johnno, mas tinha as palmas das mãos a suar.

— Não tenho nada a perder. Achas que quero viver assim? A criar uma pirlalha sozinha, com a vizinhança a comentar a minha vida? Sem poder mais sair, nem divertir-me? Pensa nisso, Bri. Pensa no que os jornais farão quando eu lhes contar a história. Vou dizer-lhes tudo antes de nos matar.

— Menina Palmer. — Peter levantou uma mão pacificadora. — Dou-lhe a minha palavra em como elaborarei um acordo que seja benéfico para todos.

— Deixa o Johnno levar a Emma para a cozinha, Jane. Vamos conversar. — Brian deu um passo cuidadoso em direção a ela. — Encontraremos uma forma de fazer o que for melhor para toda a gente.

— Só quero que tu voltes para casa.

— Não vou a lado nenhum. — Tenso, ele viu-a afrouxar os braços.

— Vamos conversar. — Fez sinal a Johnno com um ligeiro aceno de cabeça. — Vamos discutir tudo. E se nos sentássemos?

Com relutância, Johnno tirou a menina dos braços da mãe. Um homem fastidioso, franziu um pouco o nariz devido à sujidade que ela tinha acumulado debaixo da pia, mas levou-a para dentro da cozinha. Como Emma continuava a chorar, ele sentou-se com ela no colo e afofou-lhe os cabelos.

— Vá lá, querida, não chores. O Johnno não vai deixar que nada de mal te aconteça. — Balançou-a levemente, tentando pensar o que faria a mãe naquela situação. — Queres um biscoito?

De olhos húmidos, e aos soluços, ela anuiu com a cabeça.

Ele balançou-a mais um bocadinho. Sob as lágrimas e a sujidade, ele decidiu que ela era uma menina encantadora. E uma McAvoy, admitiu com um suspiro. Uma McAvoy de uma ponta à outra. — Tens alguns?

Ela sorriu então e apontou para um armário alto.

Trinta minutos depois estavam a terminar o prato de biscoitos e o chá doce que ele tinha preparado. Brian observou-os da porta da cozinha, enquanto Johnno fazia caretas para Emma se rir. Na hora do aperto, era sempre possível contar com Johnno, pensou Brian.

Brian entrou e passou uma mão pelos cabelos da filha. — Emma, queres ir passear no meu carro?

Ela lambeu migalhas dos lábios. — Com o Johnno?

— Sim, com o Johnno.

— Sou um sucesso. — Johnno enfiou o último biscoito na boca.

— Gostava que ficasses comigo, em minha casa, Emma.

— Bri...

Ele interrompeu Johnno, levantando uma mão de palma para cima. — É uma casa bonita e podias ter um quarto só para ti.

— Tenho de ir?

— Sou o teu papá, Emma, e gostava que fosses morar comigo. Podias experimentar e, se não gostares, pensamos noutra solução.

Emma analisou-o com o lábio inferior a fazer beicinho. Ela estava habituada ao rosto dele, mas era algo diferente das fotografias. Ela não sabia porquê, nem se importava. A voz dele fazia-a sentir-se bem, em segurança.

— A mamã vem?

— Não.

Os olhos dela encheram-se de lágrimas, mas a menina pegou no cão preto surrado e abraçou-o com força. — E o Charlie?

— Claro. — Brian estendeu os braços e pegou nela ao colo.

— Espero que saibas o que estás a fazer.

Brian olhou para Johnno por cima da cabeça de Emma. — Também eu.

CAPÍTULO DOIS

Emma viu pela primeira vez a grande casa de pedra do banco da frente do *Jaguar* prateado. Estava com pena que Johnno, com a sua barba esquisita, se tivesse ido embora, mas o homem das fotografias deixava-a mexer nos botões do tablier. Ele já não estava a sorrir, mas também não ralhava. Ele cheirava bem. O carro cheirava bem. Emma empurrou o nariz de Charlie de encontro ao assento e começou a murmurar para si mesma.

A casa parecia-lhe enorme, com as janelas em arcada e torrinhãs arredondadas. Era de pedra, de um cinzento escurecido pelo tempo, e todas as janelas eram feitas em forma de diamante. O relvado em redor era denso e verde e sentia-se o cheiro a flores. Ela sorriu e começou a baloiçar de entusiasmo.

— Castelo!

Ele sorriu então. — Sim, também pensei isso. Quando era pequeno, queria morar numa casa assim. O meu pai, teu avô, costumava trabalhar neste jardim. — Quando não estava perdido de bêbedo, acrescentou Brian para si mesmo.

— Ele está cá?

— Não, está na Irlanda. — Numa pequena casa de campo que Brian tinha comprado com dinheiro que Pete lhe adiantara um ano antes. Parou o carro diante da porta da frente, constatando que teria de fazer alguns telefonemas antes de a história chegar aos jornais. — Um dia vais conhecê-lo, e às tuas tias e tios, os teus primos. — Pegou nela ao colo e ficou maravilhado e surpreendido com a facilidade com que a menina se aninhou de encontro a ele. — Agora tens uma família, Emma.

Quando entrou em casa, ainda com ela ao colo, ouviu a voz suave e rápida de Bev.

— Acho que é melhor o azul, azul liso. Não gosto destas flores espalhadas pelas paredes. E aqueles cabides horríveis têm de ir. Isto aqui parece uma caverna. Quero tudo a branco. Branco e azul.

Ele chegou à porta da saleta e viu-a sentada no chão com dezenas de livros de amostras e provas de tecidos à sua volta. Parte do papel de parede fora já arrancado e parte do reboco concluído. Bev preferia atacar um trabalho de vários ângulos.

Ela parecia tão pequenina e encantadora sentada no meio do entulho. O cabelo escuro e liso estava cortado acima dos ombros, enviesado em direção ao queixo. As orelhas ostentavam umas enormes argolas de ouro. Os olhos eram exóticos, tanto na forma como na cor. Tinham pálpebras alongadas e eram de um verde-mar salpicado de mel. Ela estava ainda bronzeada do fim de semana que haviam passado nas Bahamas. Ele sabia exatamente como seria o toque da pele dela, qual seria o seu cheiro.

Ela tinha um rosto triangular e um corpo pequeno e magro. Ninguém que a visse sentada de pernas cruzadas com umas calças justas axadrezadas e uma camisa branca engomada desconfiaria que estava grávida de dois meses.

Brian ajeitou a filha nos braços e perguntou-se como reagiria a sua amada grávida.

— Bev.

— Brian, não te ouvi chegar. — Ela virou-se, pronta para se levantar, e estacou. — Oh. — A cor esvaiu-se-lhe das faces quando viu a criança nos braços dele. Recompondo-se rapidamente, levantou-se e fez sinal a dois decoradores que estavam a analisar amostras. — O Brian e eu queremos discutir mais um pouco as opções. Telefone-vos no final da semana.

Apressou-os a sair, fazendo promessas e elogiando-os. Quando fechou a porta atrás deles, respirou fundo com uma mão pousada sobre o bebé que crescia dentro de si.

— Esta é a Emma.

Bev forçou um sorriso. — Olá, Emma.

— Oi. — Subitamente tímida, ela escondeu o rosto no pescoço de Brian.

— Emma, gostavas de ir ver televisão? — Brian deu-lhe uma palmadinha tranquilizadora no traseiro. Como ela se limitou a encolher os

ombros, ele continuou, desesperadamente animado: — Há uma grande aqui nesta sala. Tu e o Charlie podiam sentar-se no sofá.

— Quero fazer xixi — segredou ela.

— Bem...

Bev soprou a franja da frente dos olhos. Se não sentisse tanta vontade de chorar, teria provavelmente rido. — Eu levo-a.

Mas Emma agarrou-se com mais força ao pescoço de Brian. — Acho que fui o escolhido. — Levou-a até à casa de banho do outro lado do corredor, lançou um olhar de impotência a Bev e fechou a porta. — Tu, ah... — Calou-se quando Emma baixou as cuecas e se sentou.

— Eu não faço xixi nas cuecas — disse ela descontraidamente. — A mamã diz que só as meninas estúpidas e más é que fazem isso.

— Tu já és uma menina crescida — disse ele, contendo uma nova onda de raiva. — Muito bonita e muito esperta.

Quando terminou, ela puxou de novo as cuecas. — Podes ver televisão?

— Daqui a um bocadinho. Preciso de conversar com a Bev. Ela é uma senhora muito simpática — acrescentou ele enquanto a levantava diante do lavatório. — Ela também mora comigo.

Emma brincou um bocado com a água corrente. — Ela bate?

— Não. — Envolveu-a num abraço apertado. — Nunca mais ninguém te vai bater. Prometo.

Arrasado, levou-a ao colo, passando por Bev, até uma sala de estar com um sofá almofadado e um grande televisor. Brian ligou o aparelho, sintonizou-o num animado programa de comédia e disse: — Volta já.

Emma viu-o sair e ficou aliviada quando ele deixou a porta aberta.

— Talvez seja melhor irmos aqui para dentro. — Bev apontou para a saleta. No interior, sentou-se novamente no chão e começou a espreitar amostras. — Parece que a Jane não estava a mentir.

— Não. Ela é minha filha.

— Já percebi isso, Bri. Ela é tão parecida contigo que assusta. — Sentiu os olhos encherem-se de lágrimas e odiou-se por isso.

— Oh, céus, Bev!

— Não, para — disse ela quando ele começou a envolvê-la com um braço. — Preciso de um minuto. É um choque.

— Também foi para mim. — Ele acendeu um cigarro e sugou com força. — Tu sabes porque é que eu rompi com a Jane.

— Disseste que tinhas a sensação de que ela era capaz de te comer vivo.

— Ela não era estável, Bev. Mesmo quando éramos miúdos, ela nunca bateu muito bem.

Ela não conseguia ainda olhar para ele. Lembrou a si mesma que tinha sido ela quem o havia pressionado a falar com Jane, a descobrir a verdade acerca da menina. Bev cruzou as mãos sobre o colo e olhou fixamente para a empoeirada lareira de mármore. — Tu conhece-la há muito tempo.

— Ela foi a primeira rapariga com quem dormi. Tinha pouco mais de treze anos. — Esfregou os olhos com as mãos, desejando que a memória não estivesse tão presente. — O meu pai costumava embebedar-se e ter ataques de fúria antes de apagar. Eu escondia-me na cave. Um dia a Jane estava lá, como se estivesse à espera. De repente, estava em cima de mim.

— Não precisas de explicar isso tudo, Brian.

— Quero que saibas. — Sem pressas, ele deu uma passa no cigarro e soltou o fumo. — A Jane e eu parecíamos muito idênticos. Em casa dela também havia sempre alguém a brigar. Nunca havia dinheiro que chegasse. Depois, quando eu comecei a interessar-me por música, comecei a gastar mais o meu tempo com isso do que com ela. Ela passou-se. Começou a ameaçar-me, a ameaçar a própria vida. Eu afastei-me dela.

»Não muito tempo depois de o grupo se ter formado, quando nos esforçávamos tanto para ter uma oportunidade, ela reapareceu. Naquela altura tocávamos em espeluncas e mal ganhávamos para a comida. Acho que tudo aconteceu porque ela era alguém que eu conhecia e que me conhecia. Principalmente porque eu era um idiota.

Bev fungou e soltou uma gargalhada chorosa. — Continuas a ser um idiota.

— Pois. Voltámos a namorar, quase um ano. Perto do final, ela começou a ficar insuportável; tentava causar problemas entre mim e os outros. Interrompia ensaios, fazia cenas. Chegou a ir a um bar e a atacar uma das miúdas da assistência. Depois punha-se a chorar e a implorar o meu perdão. Chegou ao ponto em que deixou de ser mais fácil dizer, claro, tudo bem, esquece. Ela disse que se mataria quando eu acabasse com ela. Tínhamos acabado de fazer contrato com o Pete e tínhamos uma série de concertos em França e na Alemanha. Ele estava a trabalhar no primeiro contrato discográfico. Saímos de Londres e eu esqueci-a. Não

sabia que ela estava grávida, Bev. Há mais de três anos que nem sequer pensava nela. Se pudesse voltar atrás... — Brian calou-se, pensando na criança, na sala ao lado, com o seu dente torto e a pequena covinha. — Não sei o que faria.

Bev levantou os joelhos e apoiou-se neles. Era uma mulher jovem e prática e vinha de uma família estável. Ainda lhe era difícil entender a pobreza e o sofrimento, embora tivessem sido precisamente essas coisas do passado de Brian que a haviam atraído.

— Acho que a questão é mais o que vais fazer agora.

— Já fiz. — Ele apagou o cigarro numa taça de porcelana do século dezanove. Bev não se incomodou em comentar.

— O que fizeste, Bri?

— Fui buscar a Emma. Ela é minha. Vai viver comigo.

— Entendo. — Ela tirou um cigarro. Deixara de beber e de experimentar drogas desde que engravidara, mas o tabaco era um vício mais difícil de quebrar. — Não achaste necessário conversarmos sobre o assunto? Eu pensava que tinha ficado decidido que íamos casar-nos daqui a uns dias.

— Vamos casar-nos. — Ele segurou-a pelos ombros e sacudiu-a, receando que ela, tal como tantas outras, lhe virasse as costas. — Que diabo, Bev, eu queria conversar contigo. Não consegui. — Libertou-a para se levantar de repente e pontapear os livros de amostras. — Entrei naquele apartamento imundo e fedorento com intenção de não fazer mais do que ameaçar a Jane se ela não parasse de nos importunar. Ela estava exatamente na mesma; aos gritos num minuto e a pedir desculpas no seguinte. Disse-me que a Emma estava no quarto, mas ela não estava. Estava escondida. — Pressionou as mãos contra os olhos. — Céus, Bev, descobri a miúda escondida debaixo da pia, como um animal assustado.

— Oh, meu Deus. — Bev deixou cair a cabeça sobre os joelhos.

— A Jane ia bater-lhe... ia bater naquela coisinha pequena por ela estar assustada. Quando a vi... Bev, olha para mim. Por favor. Quando a vi, vi a mim mesmo. Consegues entender isso?

— Quero entender. — Bev abanou a cabeça, tentando ainda conter as lágrimas. — Não, não quero. Quero que as coisas voltem a ser como eram quando saíste esta manhã.

— Achas que eu devia ter-lhe virado as costas?

— Não. Sim. — Ela pressionou os punhos cerrados em ambos os

lados da cabeça. — Não sei. Devíamos ter conversado. Podíamos ter chegado a algum consenso.

Ele ajoelhou-se ao lado dela para lhe segurar nas mãos. — Eu ia-me embora e dar umas voltas de carro para pensar antes de vir falar contigo. A Jane disse que se matava.

— Oh, Bri.

— Eu podia ter lidado com isso. Acho que estava suficientemente furioso para a incitar a fazê-lo. Mas então ela disse que também matava a Emma.

Bev pousou uma mão na barriga, sobre a criança que estava a crescer dentro de si, uma criança que já era maravilhosamente real para si. — Não. Oh, não, ela não podia estar a falar a sério.

— Estava, sim. — Apertou-lhe mais as mãos. — Não sei se teria cumprido a ameaça. Mas, naquele momento, ela estava a falar a sério. Não consegui deixar lá a Emma, Bev. Não conseguiria, mesmo que fosse filha de um desconhecido.

— Pois não. — Ela soltou as mãos das dele para as levar ao rosto. O seu Brian, pensou. O seu doce e carinhoso Brian. — Não serias capaz. Como conseguiste tirá-la à Jane?

— Ela concordou — disse secamente Brian. — O Pete está a tratar dos documentos para legalizar tudo.

— Bri. — Emoldurou-lhe o rosto com as mãos. Ela estava apaixonada, mas não era cega. — Como?

— Passei-lhe um cheque no valor de cem mil libras. Segundo o acordo, ela irá receber vinte e cinco mil todos os anos até a Emma perfazer vinte e um anos.

Bev baixou as mãos. — Céus, Brian. Tu compraste aquela bebé?

— Não podes comprar o que já é teu — disse ele com alguma dificuldade, porque se sentia desprezível. — Dei dinheiro suficiente à Jane para garantir que ela se mantém longe da Emma, de nós. — Pousou uma mão na barriga dela. — Do nosso filho. Escuta-me. Isto vai sair na imprensa, algumas coisas vão ser desagradáveis. Estou a pedir-te para que te mantinhas ao meu lado, que ultrapasasses isto comigo. E que dês uma oportunidade à Emma.

— Para onde iria eu?

— Bev...

Ela abanou a cabeça. Ia ficar ao lado dele, mas ainda precisava de um

pouco de tempo. — Ultimamente tenho lido muitos livros. Estou certa de que não devias deixar uma criança pequena tanto tempo sozinha.

— Certo. Vou dar uma olhadela.

— Vamos os dois.

Ela estava ainda no sofá, bem abraçada a Charlie. O barulho da televisão não lhe incomodava o sono. Havia lágrimas a secarem-lhe nas faces. Ao vê-las, o coração de Bev amoleceu ligeiramente.

— Acho que é melhor pormos os decoradores a trabalhar num quarto lá em cima.

Emma estava deitada na cama, entre lençóis lavados e macios e mantinha os olhos bem fechados. Ela sabia que se os abrisse, estaria escuro. E havia coisas que se escondiam no escuro.

Continuava agarrada a Charlie, à escuta. Às vezes as coisas faziam ruídos sibilantes.

Ela não conseguia ouvi-las naquele momento, mas sabia que estavam à espera. À espera que ela abrisse os olhos. Um gemido escapou-lhe e ela mordeu o lábio. A mãe ficava sempre furiosa quando ela chorava de noite. A mãe entrava no quarto e sacudia-a com força, dizia-lhe que ela era uma bebé estúpida. As coisas deslizavam para debaixo da sua cama, ou para os cantos, enquanto a mãe lá estava.

Emma enterrou o rosto no familiar pelo malcheiroso de Charlie.

Subitamente, lembrou-se de que estava num lugar diferente. O lugar onde o homem das fotografias morava. Algum do medo transformou-se em curiosidade. Ele dissera-lhe que ela podia tratá-lo por papá. Era um nome engraçado. Mantendo os olhos fechados, ela experimentou-o, murmurando-o na escuridão como se fosse um cântico.

Eles tinham comido douradinhos de peixe com batatas fritas na cozinha, com a senhora de cabelos escuros. Tinha havido música. Parecia que havia sempre música a tocar na casa. Sempre que o homem chamado papá falava, era música para os seus ouvidos.

A senhora parecera-lhe triste, mesmo quando sorrisse. Emma perguntou-se se a senhora iria esperar que estivessem sozinhas para lhe bater.

Ele tinha-lhe dado banho. Emma lembrava-se de que ele fizera uma cara estranha, mas as suas mãos não a haviam beliscado e ele não deixara cair muito sabão para dentro dos seus olhos. Fizera-lhe perguntas sobre

as nódoas negras e ela dissera-lhe o que a mãe lhe instruíra a dizer se alguém perguntasse. Ela era trapalhona. Caía muitas vezes.

Emma vira a fúria apoderar-se dos olhos dele, mas ele não lhe batera.

Ele tinha-lhe dado uma camisa para vestir e ela tinha rido porque lhe chegava aos pés.

A senhora tinha ido com ele quando ele a fora deitar. Sentara-se na beira da cama e sorria-lhe quando ele lhe contara uma história sobre castelos e princesas.

Mas já lá não estavam quando acordara. Tinham-se ido embora e o quarto estava escuro. Ela estava com medo. Tinha medo que as coisas a apanhassem e a comessem com os seus dentes enormes. Tinha medo que a mãe aparecesse e lhe batesse por não estar em casa, na sua cama.

O que era aquilo? Ela tinha a certeza de que tinha ouvido uns sussurros ao canto. Respirando por entre os dentes, abriu um olho. As sombras moviam-se, estendiam-se na sua direção, tentavam alcançá-la. Sufofocando os soluços de encontro a Charlie, Emma tentou encolher-se ao máximo, para não poder ser vista, para não ser atacada por aquelas coisas feias e viscosas que se escondiam no escuro. A mãe tinha-as enviado porque ela se fora embora com o homem das fotografias.

O terror cresceu ao ponto de ela começar a tremer e a suar e irrompeu dela num enorme gemido no mesmo instante em que ela saltou da cama e correu aos tropeções até ao corredor. Alguma coisa caiu com um estrondo.

Ela deitou-se no chão, agarrada ao cão, à espera do pior.

As luzes acenderam-se, fazendo-a pestanejar. O velho medo transformou-se num novo quando ela ouviu as vozes. Emma recuou de encontro à parede e ficou imóvel, a olhar para os fragmentos de porcelana da jarra que tinha partido.

Iam bater-lhe. Iam mandá-la embora. Fechá-la num quarto escuro para ser comida.

— Emma? — Ainda atordoado com sono, um pouco a pairar devido ao charro que tinha fumado antes de ter feito amor com Bev, Brian dirigiu-se para junto dela. Ela encolheu-se, preparando-se para o golpe. — Estás bem?

— Elas é que partiram — disse-lhe ela, na esperança de se salvar.

— Elas?

— As coisas escuras. A mamã mandou-as para me apanharem.

— Oh, Emma. — Ele encostou a face ao topo da cabeça dela.

— Brian, o que... — Ainda a atar o cinto do roupão, Bev saiu apressadamente do quarto. Viu o que havia restado da jarra *Dresden*, soltou um pequeno suspiro e depois aproximou-se dos dois, evitando os cacos. — Ela está ferida?

— Não me parece. Está apavorada.

— Vamos dar uma olhada. — Bev pegou na mão de Emma. Estava cerrada num punho, o braço rijo como um pau. — Emma. — A voz estava tensa, mas não continha maldade. Cautelosa, Emma levantou a cabeça. — Magoaste-te?

Ainda cautelosa, Emma apontou para o joelho. Havia umas gotículas de sangue na t-shirt branca. Bev levantou a bainha. Era um longo arranhão, mas superficial. Ainda assim, ela supunha que a maioria das crianças naquela situação tivesse chorado. Talvez Emma não o tivesse feito por não ser nada em comparação com as equimoses que Brian encontrara no corpo da menina quando lhe dera banho. Num gesto mais automático do que maternal, Bev baixou a cabeça para beijar a ferida. Quando viu Emma abrir a boca em choque, ficou desesperada.

— Tudo bem, querida, nós vamos tratar disto. — Pegou em Emma e encostou o nariz ao seu pescoço.

— Há coisas no escuro — sussurrou Emma.

— O teu papá vai expulsá-las, não vais, Bri?

O seu espírito irlandês, ou talvez a droga, fê-lo comover-se quando olhou para a mulher que amava com a sua filha ao colo. — Claro. Vou cortá-las aos pedaços e expulsá-las daqui.

— Depois de fazeres isso, é melhor varreres isto — disse-lhe Bev.

Emma passou a noite, a primeira da sua nova vida, aconchegada com a família numa grande cama de metal.

CAPÍTULO TRÊS

Como fizera diariamente nos últimos nove dias, Emma estava sentada no grande banco junto da janela da sala de estar e olhava através das vidraças. Olhava fixamente além dos limites do jardim, com a sua dedaleira balançante e densa columbina, para o longo caminho de gravilha. E esperava.

As nódoas negras estavam a desvanecer-se, mas ela não tinha reparado. Ninguém da nova casa grande lhe tinha batido. Ainda. Todos os dias lhe tinha sido dado chá e recebera também doces e bonecas de porcelana dos amigos que tão descontraidamente entravam e saíam da casa do pai.

Era tudo muito confuso para Emma. Todos os dias lhe davam banho, mesmo que ela não tivesse estado a brincar na terra, e roupa lavada para vestir. Ninguém lhe chamava bebé estúpida por ela ter medo do escuro. O candeeiro com o abajur cor-de-rosa ficava ligado no quarto dela todas as noites e as paredes tinham pequenos botões de rosa. Os monstros raramente entravam no seu quarto novo.

Ela tinha medo de gostar disto, porque estava certa de que a mãe chegaria em breve para a levar outra vez.

Bev tinha-a levado no carro bonito para fazerem compras numa loja grande de roupas lindas e cheiros maravilhosos. Tinha comprado sacos e caixas de coisas para Emma. Do que Emma mais gostava era de um vestido de organza cor-de-rosa com saia de folhos. Ela sentira-se como uma princesa quando o usara no dia em que o pai e Bev se haviam casado. Tinha também usado uns sapatos pretos de verniz com umas tirinhas e collants brancos. Ninguém lhe ralhara quando ela sujara os joelhos.

Emma tinha achado o casamento muito estranho e solene, com toda a gente de pé no jardim e o Sol a tentar espreitar por detrás das nuvens. Um dos homens a quem todos chamavam Stevie usara uma camisa branca comprida e umas calças brancas largas. Cantara com voz rouca e tocara uma brilhante guitarra branca. Emma pensara que ele fosse um anjo, mas, quando perguntara a Johnno, ele limitara-se a rir.

Bev usara uma coroa de flores nos cabelos e um vestido fluído multicolorido até aos tornozelos. Para Emma, ela era a mulher mais linda do mundo. Pela primeira vez na sua jovem vida, tinha sentido inveja pura. Queria ser linda, crescida e estar ao lado do papá. Nunca mais sentiria medo, nem fome. E, como as meninas dos contos de fadas de que Brian tanto gostava, seria feliz para sempre.

Quando começara a chover, tinham entrado para comer bolo e champanhe numa sala com livros e flores de tecido, pintada de fresco. Mais guitarras haviam tocado e as pessoas tinham dançado ao som da música e rido. Belas mulheres, de minissaias justas, ou vaporosos vestidos de algodão, haviam deambulado pela casa. Algumas tinham-na

mimado, ou feito festinhas, mas a maior parte do tempo tinham-na deixado em paz.

Ninguém reparara que comera três fatias de bolo e que sujara a gola do vestido novo com a cobertura glacé. Não houvera mais meninas com quem brincar e Emma era demasiado nova para se deixar deslumbrar com os nomes e rostos dos famosos do mundo da música que haviam circulado pela casa. Enfadada, e um pouco enjoada devido ao bolo, decidira deitar-se, embalada pelos sons da festa.

Mais tarde, acordara. Inquieta, arrastara Charlie da cama e descera a escadaria. Mas o cheiro intenso a fumo de erva tinha-a detido. O cheiro era-lhe familiar, demasiado familiar. Como o fedor a gin, o odor adocicado da marijuana estava firmemente ligado na sua mente à mãe e aos abanões e tarefas que levava sempre que Jane se havia drogado.

Infelicíssima, encolhera-se nos degraus, murmurando palavras de conforto a Charlie. Se a mãe ali estivesse naquele momento, levá-la-ia embora. Emma sabia que nunca mais usaria o bonito vestido cor-de-rosa, nem ouviria a voz do papá, nem iria às lindas lojas grandes com Bev.

Estremecera quando ouvira os passos nos degraus e preparara-se para o pior.

— Olá, Emma, meu amor. — Sob o efeito das drogas, e em paz com o mundo, Brian tinha-se sentado ao seu lado. — O que estás a fazer?

— Nada. — Ela abraçara-se com mais força ao cão de peluche e encolhera-se o mais possível. Se não conseguissem vê-la, não poderiam fazer-lhe mal.

— Foi uma festa e tanto. — Brian recostara-se sobre os cotovelos e sorrira para o teto. Nunca, nem nos seus melhores sonhos, imaginara que um dia entreteria gigantes como McCartney, Jagger e Daltrey na sua própria casa. E o seu casamento. Deus do Céu, ele estava casado. Era um homem casado, com uma aliança de ouro no dedo.

Enquanto batia com o pé descalço ao ritmo da música que ressoava no piso superior, examinou o anel. Não havia volta atrás, pensara confortavelmente. Era suficientemente católico e idealista para acreditar que, agora que estava feito, era para sempre.

Era um dos melhores dias da sua vida, pensara enquanto procurava no bolso da perna um maço de cigarros que deixara no piso térreo. Um dos melhores, pensara novamente com um suspiro. E se o pai estivera demasiado bêbedo, ou com demasiada preguiça, para ir buscar os maldi-

tos bilhetes que ele enviara para a Irlanda, que importância tinha? Brian tinha ali toda a família de que precisava.

Afastara da mente os pensamentos do passado. A partir daquele momento, só existiriam amanhã. Uma vida inteira deles.

— Que tal, Emma? Queres ir até lá abaixo dançar no casamento do teu papá?

Ela mantivera-se encolhida e mal abanara a cabeça. O fumo que pairava misticamente em espiral tinha-lhe provocado dores de cabeça.

— Queres um bocado de bolo? — Ele tinha-lhe tocado nos cabelos, mas ela retraíra-se mais. — O que é isso? — Espantado, ele dera-lhe umas palmadinhas no ombro.

Já enjoada, Emma sentira o estômago a revirar com um misto de terror e demasiados doces. Após um soluço, ela vomitara o bolo e o chá em cima do colo do pai. Desesperada, conseguira emitir um único gemido antes de voltar a agarrar-se a Charlie. Enquanto ela jazia demasiado nauseada para se defender da tarefa que tinha a certeza que iria apanhar, ele começara a rir-se.

— Bem, calculo que estejas a sentir-te um bocadinho melhor. — Demasiado pedrado para sentir repulsa, ele levantara-se e estendera uma mão. — Vamos limpar-nos.

Para espanto de Emma, não houvera tarefa, nem beliscões cruéis, nem palmadas súbitas. Em vez disso, ele tinha despido ambos na casa de banho e tinha-a puxado para o duche. Cantara até, enquanto a água caía sobre eles, uma canção sobre marinheiros bêbedos que a fizera esquecer o enjoo.

Depois de estarem ambos envoltos em toalhas, ele levava-a até ao quarto e enfiara-a na cama. Com os cabelos molhados e lisos em torno do rosto, ele deitara-se aos pés da cama. Poucos segundos depois, começara a risonar.

Cautelosa, Emma saíra de debaixo das cobertas para se sentar ao lado dele. Reunindo coragem, debruçara-se e depositara um beijo húmido na face do pai. Apaixonada pela primeira vez, aninhara Charlie debaixo do braço mole de Brian e adormecera tranquilamente.

Então ele fora-se embora. Poucos dias depois do casamento, o carro grande chegara e dois homens tinham carregado as malas. Ele beijara-a e prometera trazer-lhe um presente. Emma conseguira apenas fitá-lo mudamente enquanto ele se afastava no carro, se afastava da sua vida.

Ela não acreditara que ele voltasse, mesmo quando ouvia a sua voz ao telefone. Bev dizia que ele estava na América, onde as meninas gritavam sempre que o viam e as pessoas compravam os seus discos quase com a mesma velocidade a que eram produzidos.

Mas enquanto ele estava longe, não havia tanta música dentro de casa e por vezes Bev chorava.

Emma lembrava-se de Jane a chorar e das bofetadas e empurrões que habitualmente haviam acompanhado as lágrimas. Por isso esperava, mas Bev nunca lhe batera, nem mesmo de noite quando os trabalhadores se iam embora e elas ficavam sozinhas na casa grande.

Dia após dia, Emma aninhava-se com Charlie no banco junto da janela a vigiar. Ela gostava de fingir que o longo carro preto ia aparecer ao fundo do caminho e que, quando parava e a porta se abria, o pai aparecia.

A cada dia que tal não acontecia, ela ficava mais certa de que isso nunca iria acontecer. Ele partira porque não gostava dela, porque não a queria. Porque ela era um estorvo e muito estúpida. Ela calculava que Bev se fosse também embora e a deixasse sozinha na casa grande. Nessa altura a mãe iria buscá-la.

Bev perguntava-se o que se passaria na cabeça da menina. À porta da sala, observava Emma sentada na posição habitual no banco junto à janela. A criança ficava horas sentada, paciente como uma velha. Era raro brincar com alguma coisa que não o velho e surrado cão de peluche que levava consigo. Era mais raro ainda pedir-lhe o que quer que fosse.

Fazia parte da sua vida há quase um mês e Bev estava longe de conseguir resolver os seus sentimentos.

Poucas semanas antes, os seus planos haviam estado perfeitamente delineados. Queria que Brian tivesse sucesso, sem dúvida. Mas, mais do que isso, queria construir um lar e uma família com ele.

Bev tinha sido criada segundo os ensinamentos da Igreja Anglicana, numa família tranquila de classe média. Moral, responsabilidade e imagem haviam sido partes importantes da sua educação. Tinha recebido uma educação com princípios sólidos e a ideia de que faria um casamento sensato e criaria filhos sensatos e responsáveis.

Nunca se rebelara, principalmente porque nunca lhe passara pela cabeça rebelar-se. Até Brian ter aparecido.

Ela sabia que embora os pais tivessem comparecido ao casamento,

nunca lhe perdoariam completamente por ter ido viver com Brian antes do enlace. Nem nunca compreenderiam o porquê de ter decidido casar-se com um músico irlandês que não só questionava a autoridade, como escrevia canções a desafiá-la.

Sem dúvida que haviam ficado horrorizados e perplexos com a filha ilegítima de Brian e o facto de a filha a ter aceitado. Contudo, o que podia ela fazer? A criança existia.

Bev amava os pais. Uma parte de si iria sempre desejar desesperadamente a sua aprovação. Mas amava ainda mais Brian, tanto mais que por vezes se tornava assustador. E a criança era dele. Independentemente do que tivesse desejado, independentemente dos planos que havia feito, isso significava que agora era sua também.

Era difícil olhar para Emma e não sentir nada. Ela não era uma criança que passasse despercebida, por mais sossegada e discreta que tentasse ser. Era, com certeza, a sua aparência. A mesma aparência elegantemente angelical do pai. Mais, era aquela sensação de inocência, uma inocência que era em si mesma um milagre, considerando o modo como a menina havia vivido nos primeiros três anos de vida. Uma inocência e uma aceitação, pensara Bev. Ela sabia que se entrasse na sala naquele momento, aos gritos e às palmadas, Emma toleraria a violência com pouco mais que um gemido. Isso era para Bev mais trágico do que a pobreza miserável da qual tinha sido salva.

A filha de Brian. Bev pousou instintivamente uma mão sobre a vida que carregava dentro de si. Quisera tão desesperadamente dar o primeiro filho a Brian. Isso não iria acontecer. Contudo, sempre que sentia ressentimento, bastava olhar para Emma para o sentimento desaparecer. Como podia ficar ressentida com alguém tão completamente vulnerável? Ainda assim, não conseguia sentir amor pela menina, não tão incondicional e automaticamente como Brian.

Ela não queria amar, admitiu Bev. Aquela era a filha de outra mulher, um elo que iria para sempre recordá-la da intimidade de Brian com outra pessoa. Tivesse sido há cinco, ou há dez anos, não importava. Desde que Emma existisse, Jane faria parte das suas vidas.

Brian fora o primeiro homem com quem dormira e embora, quando se haviam envolvido um com o outro, ela soubesse que ele tivera outras mulheres, fora-lhe fácil bloquear esse facto, dizer a si mesma que a união entre eles era uma iniciação para ambos.

Raios, porque tinha ele de partir agora, quando tudo estava num rebrulço? A menina vagueava pela casa como uma sombra. Havia trabalhadores a martelar e a serrar horas a fio. E havia a imprensa. Era tão desagradável como Brian a alertara que seria, com manchetes a gritar o nome dele, o seu e o de Jane. Como odiava, como detestava ver a sua fotografia e a de Jane na mesma página de um jornal. Como abominava aquelas historietas maldosas sobre mulheres novas e amantes antigas.

O assunto não caíra rapidamente no esquecimento, como ela tanto desejara. Havia especulação e questões acerca dos aspetos mais pessoais da sua vida. Era agora a Sra. Brian McAvoy e propriedade pública. Dissera para si mesma, inúmeras vezes, que pelo facto de o casamento com Brian ser o que mais desejava, seria capaz de tolerar as disseções públicas, a falta de liberdade, as manchetes irónicas.

E iria fazê-lo. De alguma forma. Mas quando ele estava fora daquela maneira, a milhares de quilómetros de distância, Bev interrogava-se como iria conseguir suportar uma vida inteira de fotografias e perseguição, de fuga aos microfones, de uso de perucas e óculos de sol para fazer algo tão banal como comprar sapatos. Interrogava-se se Brian alguma vez compreenderia o quão humilhante era para ela ver algo tão íntimo como a sua gravidez exposta em manchetes para estranhos lerem ao pequeno-almoço.

Ela não conseguia rir-se das histórias quando ele não estava com ela, e também não conseguia ignorá-las. Por isso raramente saía de casa quando ele estava fora. Em menos de duas semanas, a casa que imaginara para eles, com os seus quartos acolhedores e janelas ensolaradas, tinha-se tornado uma prisão. Uma prisão que partilhava com a filha de Brian.

Mas ela tinha sido educada para saber qual era o seu dever e para o desempenhar sem hesitação.

— Emma. — Bev fixou um alegre sorriso no rosto quando Emma se virou. — Estava a pensar que podias já querer o teu chá.

Não havia nada que Emma reconhecesse mais depressa, nem de que desconfiasse mais, do que um sorriso falso. — Não estou com fome — disse ela e abraçou-se com mais força a Charlie.

— Acho que também ainda não estou. — Se estavam ali presas, pelo menos podiam falar uma com a outra, decidiu Bev. — É difícil tomarmos o chá descansadas com esta martelada toda. — Dando o primeiro

passo, sentou-se ao lado de Emma no banco junto da janela. — Este é um bom lugar. Mas acho que devia plantar mais rosas. Não achas?

Emma fez um ligeiro beicinho enquanto encolhia os ombros.

— Quando eu era menina, tínhamos um lindo jardim — continuou desesperadamente Bev. — Eu gostava de ir lá para fora no verão com um livro e ouvir as abelhas a zumbir. Às vezes não lia nada, sonhava apenas. É engraçado, a primeira vez que ouvi a voz do Brian, estava no jardim.

— Ele vivia contigo?

Já tinha conseguido captar a atenção de Emma, pensou Bev. Bastava mencionar o nome de Brian. — Não. Foi no rádio. Era o primeiro single deles... *Terra das Sombras*. Era assim: «*À noite, meia-noite, quando as sombras envolvem a Lua*». — Bev começou a entoar a canção na sua cadência suave, mas parou quando Emma começou a acompanhá-la num registo alto nítido e surpreendentemente forte.

— «*E a terra está quente e parada, ofegante espero por ti*».

— Sim, exatamente assim. — Sem se aperceber, Bev estendeu uma mão para acariciar os cabelos de Emma. — Senti que ele estava a cantá-la só para mim. Tenho a certeza de que todas as miúdas pensavam o mesmo.

Emma manteve-se em silêncio por instantes, lembrando como a mãe a havia tocado inúmeras vezes no gira-discos, bebendo e chorando enquanto as palavras ecoavam pela casa. — Gostavas dele porque ele cantava essa canção?

— Sim. Mas depois de o ter conhecido, gostei muito mais.

— Porque é que ele se foi embora?

— Por causa da música dele, do trabalho dele. — Bev olhou de relance para baixo e viu os enormes olhos de Emma brilhantes com lágrimas. Ali estava a afinidade, onde não desejara, nem esperara. — Oh, Emma, eu também sinto saudades dele, mas daqui a umas semanas ele estará de volta.

— E se ele não voltar?

Era uma tolice, mas por vezes Bev acordava a meio da noite com aquele mesmo receio terrível. — Claro que volta. Um homem como o Brian precisa que as pessoas oiçam a sua música e precisa de estar presente enquanto a ouvem. Ele irá sair muitas vezes, mas voltará sempre. Ele ama-te e ama-me. — Tanto para se confortar, como para confortar

Emma, pegou na mão da menina. — E há mais uma coisa. Sabes de onde vêm os bebés?

— Os homens metem-nos nas mulheres, mas depois não os querem.

Bev conteve um palavrão. Naquele momento teria esganado Jane com todo o prazer. Embora a mãe de Bev sempre tivesse sido reservada, incapaz de falar sobre intimidade a não ser de modo vago, Bev acreditava firmemente na sinceridade. — Os homens e as mulheres que se amam fazem os bebés juntos e a maior parte das vezes os dois querem-no muito. — Pousou a mão de Emma na sua barriga. — O bebé do teu pai. Quando nascer, será teu irmão, ou irmã.

Após um momento de hesitação, Emma deslizou a mão pela barriga de Bev. Ela não sabia que podia haver um bebé ali dentro. A Sra. Perkins, do outro lado da rua, tinha tido uma barriga muito inchada antes da chegada de Donald.

— Onde está?

— Aqui dentro. Ainda é muito, muito pequeno. Ainda precisa de crescer quase mais seis meses antes de ser altura de sair.

— Vai gostar de mim?

— Acho que sim. O Brian vai ser o pai dele, tal como é teu.

Encantada, Emma começou a acariciar a barriga de Bev, como por vezes acariciava Charlie. — Eu vou tomar conta do bebé. Ninguém lhe vai fazer mal.

— Não, ninguém lhe vai fazer mal. — Com um suspiro, Bev envolveu os ombros de Emma com um braço e observou a sebe pela janela. Desta vez, Emma não se retraiu, mas deixou-se ficar quieta, fascinada, com uma mão sobre a barriga de Bev.

— Eu tenho um bocadinho de medo de ser mãe, Emma. Talvez pudesses deixar-me treinar contigo.

Bev respirou fundo, levantou-se e puxou Emma consigo. — Vamos começar agora mesmo. Vamos lá para cima para vestires o teu bonito vestido cor-de-rosa. Vamos tomar o nosso chá fora. — Que se lixassem os jornalistas e os curiosos. — Vamos transformar-nos nas duas damas mais bonitas de Londres e tomar o nosso chá no Ritz.

Para Emma foi o início do primeiro relacionamento com uma mulher não baseado no medo, nem na intimidação. Nos dias seguintes

fizeram compras na Harrods, passearam em Green Park e almoçaram no Savoy. Bev ignorava os fotógrafos que as perseguiam. Quando descobriu o fascínio de Emma por tecidos belos e cores vivas, começou a mimá-la sem restrições. Duas semanas depois, a menina que lhe chegara às mãos apenas com uma camisa no corpo tinha um guarda-fatos cheio de roupa.

Mas de noite, quando cada uma sofria com a ausência do mesmo homem, a solidão regressava.

As saudades de Emma eram mais diretas. Ela queria que Brian regressasse porque ele a fazia sentir bem. O amor era um sentimento que ainda não tinha aprendido a definir e pelo qual ainda não sofria.

Mas Bev sofria. Preocupava-a a hipótese de ele se cansar dela, de poder encontrar alguém mais em consonância com o mundo em que vivia. Ela sentia falta do sexo intenso e bom que partilhavam. Era tão fácil acreditar que ele a amaria sempre, que estaria sempre ao seu lado naqueles minutos de inebriante serenidade que se seguiam ao sexo e antecediam o sono. Mas naquele momento, sozinha na grande cama de metal, indagava-se se ele preencheria a solidão com mulheres, para além da música.

O céu começava a clarear quando o telefone tocou. Bev atendeu ao terceiro toque. — Sim. — Clareou a voz. — Estou.

— Bev. — A voz de Brian era urgente.

Instantaneamente acordada, ela sentou-se rapidamente na cama. — Bri. O que foi? O que aconteceu?

— Nada. Tudo. Somos um estrondo, Bev. — O riso dele revelava alguma histeria. — Cada noite o público cresce. Tiveram de duplicar a segurança para impedir que as miúdas se lançassem para cima do palco. É uma loucura, Bev. Insano. Esta noite, uma delas agarrou na manga do Stevie quando íamos a correr para a limusina. Rasgou-lhe o casaco. A imprensa diz que somos a vanguarda da segunda vaga de invasão britânica. Vanguarda.

Recostando-se de novo nas almofadas, Bev esforçou-se por soar entusiasmada. — Isso é maravilhoso, Brian. Houve algumas alusões aqui na televisão, mas não desenvolveram muito.

— É como ser-se gladiador, ali no palco a ouvir a exaltação da assistência. — Não conseguia explicar, nem a ela, a emoção e o terror que isso lhe provocava. — Acho que até o Pete ficou impressionado.

Bev sorriu ao pensar no agente pragmático, para quem os negócios estavam acima de tudo. — Então vocês devem ser fantásticos.

— Sim. — Deu uma passa no charro que tinha acendido para prolongar a euforia. — Gostava que estivesse aqui.

Ela ouvia ruído de fundo: música alta, riso masculino e feminino. — Eu também.

— Então vem. — Brian afastou uma loura seminua, de olhos vítreos, que tentava subir-lhe para o colo. — Faz a mala e vem até cá.

— O quê?

— Estou a falar a sério. Não é, nem de longe, tão bom como seria se estivesse aqui. — Do outro lado da sala, uma morena de quase um metro e oitenta despiu-se lentamente. Stevie, o guitarrista principal, enfiou um *Quaalude* na boca como se de um rebuçado se tratasse. — Olha, eu sei que conversámos sobre isto e que decidimos que era melhor tu ficares em casa, mas estávamos errados. Precisas de estar aqui, comigo.

Ela sentiu os olhos encherem-se de lágrimas e começou a gargalhar. — Queres que eu vá para a América?

— Assim que possas. Podes encontrar-te connosco em Nova Iorque... merda. Johnno, quando é que estamos em Nova Iorque?

Esparramado num sofá, Johnno despejava o resto da garrafa de *Jim Beam*. — Onde diabo estamos agora?

— Esquece. — Brian esfregou os olhos cansados e tentou concentrar-se. Sentia-se atordoado devido à bebida e ao fumo. — Vou pedir ao Pete para tratar dos pormenores. Faz só as malas.

Ela já se tinha levantado da cama. — O que faço com a Emma?

— Trá-la também. — Numa explosão de carinho familiar, Brian sorriu para a loura. — O Pete arranja-lhe um passaporte. Alguém irá telefonar-te esta tarde a dizer-te o que fazer. Céus, sinto a tua falta, Bev.

— Eu também sinto a tua. Iremos o mais rapidamente possível. Amo-te, Bri, mais do que tudo.

— Amo-te. Até breve.

Mal-humorado e inquieto, Brian pegou na garrafa de brandy assim que desligou o telefone. Queria-a com ele já, não daí a um dia, nem daí a uma hora. Só o som da voz dela tinha-o deixado excitado.

Ela soara exatamente como na noite em que a conhecera: tímida, um pouco hesitante. Ela estivera tão encantadoramente deslocada no pub fumarento onde a banda havia estado a tocar. Contudo, mesmo com

a timidez, ela transmitira-lhe algo muito sólido e verdadeiro. Ele não conseguira esquecê-la; nem naquela noite, nem nas outras.

Levantou o copo de brandy e bebeu sofregamente. Aparentemente, a morena e Stevie não iam dar-se ao trabalho de se mudarem para a privacidade de um dos quartos para fazerem sexo. A loura havia desistido de Johnno e estava a roçar o seu longo corpo escaldante em P.M., o baterista da banda.

Meio divertido, meio invejoso, Brian continuou a beber. P.M. tinha apenas vinte e um anos, um rosto ainda redondo e jovem com uns salpicos de acne no queixo. Fez um ar simultaneamente chocado e deleitado quando a loura deslizou para enterrar a cara no seu colo.

Brian fechou os olhos e, com a música a preencher-lhe a mente, adormeceu.

Sonhou com Bev e a primeira noite que haviam passado juntos. Sentados de pernas cruzadas no chão do apartamento dele, a conversarem entusiasmadamente sobre música, sobre poesia. Sobre Yeats, Byron e Browning. A passarem sonhadamente um charro entre os dois. Não lhe passara pela cabeça que era a primeira experiência dela com drogas. Tal como, até ter dormido com ela ali no chão, com as velas a derreterem ao seu redor, não lhe passara pela cabeça que era a primeira experiência dela com o sexo.

Ela chorara um bocadinho. Em vez de o fazerem sentir-se culpado, as lágrimas tinham-lhe despertado sentimentos de proteção. Ele tinha caído perdidamente, e algo poeticamente, de amores por ela. Isso fora mais de um ano antes, mas ele nunca estivera com outra mulher durante esse tempo. Sempre que a tentação surgia com força, ele via o rosto de Bev.

O casamento fora por ela e pelo filho, o seu filho que ela carregava. Ele não acreditava no casamento, na tolice de um contrato sobre o amor, mas não se sentia preso. Pela primeira vez, desde a sua miserável infância, ele tinha mais do que a música para o confortar e excitar.

Amo-te mais do que tudo.

Não, ele não conseguia dizer-lhe isso com o mesmo à-vontade e a mesma honestidade com que ela dizia. Provavelmente nunca seria capaz de lho dizer. Mas amava-la e, sempre que amava, era leal.

— Anda, companheiro. — Sem conseguir despertá-lo completamente, Johnno pô-lo de pé. — Está na hora de ires para a cama.

— A Bev vem, Johnno.

De sobrolho erguido, Johnno olhou por cima do ombro para o emaranhado de corpos. — E os outros todos também.

— Vai encontrar-se connosco em Nova Iorque. — Com uma gargalhada fraca, Brian pendurou um braço no pescoço de Johnno. — Nós vamos para Nova Iorque, Johnno. Porque somos os melhores.

— Que fixe, não é? — Com algum esforço, Johnno largou Brian em cima da cama. — Descansa, Bri. Amanhã temos muito trabalhinho outra vez.

— Tenho de acordar o Pete — disse Brian por entre dentes enquanto Johnno lhe tirava os sapatos. — O passaporte da Emma. Bilhetes. Não posso falhar com ela.

— Não vais falhar. — Um pouco zozzo, cortesia do *Jim Beam*, Johnno examinou o relógio suíço comprado recentemente. Tinha a sensação de que Pete não ia gostar de ser acordado, mas afastou-se a cambalear para cumprir a tarefa.

CAPÍTULO QUATRO

No seu primeiro voo transatlântico, Emma viajou em primeira classe. E ficou extremamente enjoada. Não conseguiu, como Bev lhe aconselhava periodicamente, admirar as nuvens bonitas, nem folhear os coloridos livros de figuras que Bev tinha guardado na sua maleta. Mesmo vazio, o estômago de Emma dava reviravoltas. Ela apercebeu-se apenas vagamente das pequenas palmadinhas de Bev na sua mão e das palavras tranquilizadoras da assistente de bordo.

Não interessava que ela tivesse vestido uma roupa nova: uma saia curta encarnada e uma blusa florida. Não interessava que lhe tivessem prometido ir ao topo do Empire State Building. O enjoo era tão implacável que já não lhe interessava o facto de ir ver o pai.

Quando o avião aterrou no aeroporto JFK, ela estava demasiado fraca para se aguentar de pé. Apesar de exausta, Bev levou-a ao colo. Depois de passarem pela alfândega, ela quase chorou ao avistar Pete.

No seu impecável fato *Savile Row*, observou atentamente a criança de tez macilenta e a mulher irritada. — Viagem complicada?

Em vez de lágrimas, Bev deu por si a soltar gargalhadas. — Oh, não! Foi um deleite do princípio ao fim. Onde está o Brian?

— Ele queria vir, mas tive de o impedir. — Pegou na mala de mão de Bev e deu-lhe o braço. — Os rapazes não podem sequer abrir uma janela para apanharem ar sem provocarem uma histeria em massa.

— E tu adoras.

Ele sorriu, conduzindo-a em direção à saída do terminal. — Apesar de ser uma pessoa otimista, não estava à espera disto. O Brian vai ser um homem muito rico, Bev. Vamos todos ser ricos.

— O dinheiro não é o mais importante para o Bri.

— Pois não, mas não estou a vê-lo a afastá-lo aos pontapés, já que cai a jorros. Anda, tenho um carro à espera.

Bev ajeitou Emma nos braços. Inerte, a menina limitou-se a gemer. — As malas.

— Serão entregues no hotel. — Pete apressou-a a sair do aeroporto. — As revistas de fãs estão também cheias de fotos tuas.

Era uma limusina *Mercedes* branca, grande como um barco. Ao ver o olhar de perplexidade de Bev, Pete voltou a sorrir.

— Já que estás casada com um rei, mais vale viajares com estilo, querida.

Sem nada dizer, Bev recostou-se no banco e acendeu um cigarro. Ela esperava que o longo e terrível voo fosse a razão por que se sentia tão deslocada e vazia. Emma estava enroscada entre ela e Pete e dormiu durante a sua primeira viagem de limusina.

Pete não parou na receção do Waldorf e apressou-as em direção a um elevador. Ele não sabia bem se estava aliviado, ou desiludido, por a sorte não os ter abandonado. O assédio de uma multidão de fãs no aeroporto, ou na rua em frente do hotel, teria sido inconveniente, mas teria dado um ótimo artigo de jornal. E os artigos vendiam discos.

— Reservei-vos uma suite com dois quartos. — A despesa extra incomodava a sua mente prática, mas ele justificava-a com a certeza de que a presença de Bev tornasse Brian mais cooperativo e mais criativo. E não faria mal a imprensa saber que a família de Brian viajava com ele. Se não conseguia promover Brian como símbolo sexual, podia promovê-lo como marido e pai dedicado. O que funcionasse melhor. — Estamos todos no mesmo piso — continuou ele. — E a segurança é bastante apertada. Em Washington, D.C., duas adolescentes conseguiram entrar no quarto do Stevie no carrinho da empregada de limpeza.

— Deve ter sido divertido.

Ele limitou-se a encolher os ombros ao recordar que Stevie estivera demasiado embriagado para apreciar as ofertas das raparigas. O guitarrista tinha racionalizado que duas raparigas de dezasseis anos equivaliam a uma de trinta e dois. Isso transformara-as numa mulher mais velha.

— Os rapazes têm umas entrevistas marcadas para hoje, e amanhã vão ao programa *Sullivan*.

— O Brian não disse para onde vamos a seguir.

— Filadélfia, depois Detroit, Chicago, St. Louis...

— Não importa. — Bev soltou um longo e grato suspiro quando as portas do elevador se abriram. Que se lixasse para onde iam. Já estava ali. Não interessava nada que se sentisse extremamente cansada, nem que os braços estivessem doridos por carregarem a sonolenta Emma. Estava ali e quase conseguia sentir a energia de Brian no ar.

— Ainda bem — disse Pete, tirando uma chave do bolso. — Têm duas horas até à entrevista dos rapazes com uma nova revista que publicará o seu primeiro número mais para o final deste ano. *A Rolling Stone*.

Ela pegou na chave, grata por ele ser suficientemente sensível para não interromper as duas horas de privacidade que teria com Brian. — Obrigada, Pete. Eu vou certificar-me de que ele estará pronto para a entrevista.

Assim que ela abriu a porta, Brian apareceu a correr do quarto adjacente para a abraçar e a Emma. — Graças a Deus — murmurou ele, cobrindo de beijos o rosto de Bev. Pegou na mole e ensonada Emma. — O que se passa aqui?

— Agora, nada. — Bev passou as mãos pelo cabelo. — Ela enjoou muito no avião. Mal dormiu. Acho que vai ficar bem depois de a deitares.

— Muito bem. Não te mexas. — Brian levou Emma para o segundo quarto. Ela mexeu-se apenas uma vez quando ele a enfiou entre os lençóis.

— Papá?

— Sim. — Ele ainda ficava comovido com a palavra. — Dorme um bocadinho agora. Está tudo bem.

Confortada pelo som da voz dele, Emma confiou nas palavras e adormeceu novamente.

Ele deixou automaticamente a porta entreaberta e parou para olhar para Bev. Ela estava pálida de cansaço, as olheiras tornavam-lhe os olhos enormes e escuros. O amor tomou conta de Brian; um amor mais forte

e premente que ele alguma vez havia sentido. Sem nada dizer, aproximou-se dela, levantou-a nos braços e levou-a para a cama.

Brian estava sem palavras, embora fosse um homem sempre repleto delas. Palavras que formavam poesias que se tornavam letras de músicas. Mais tarde, as palavras não lhe faltariam, resmas de palavras fluiriam por si, todas elas derivadas daquela que provavelmente seria a mais preciosa hora passada com Bev.

Naquela hora, ela foi completa e absolutamente sua.

O rádio ao lado da cama estava ligado, tal como a televisão aos pés da mesma. Ele expulsara o silêncio dos aposentos com vozes. Quando tocava em Bev, ela era toda a música de que precisava.

Por isso saboreou-a. Despiu-a lentamente, observando-a, absorvendo-a. O ruído do trânsito lá fora na rua seria mais tarde por ele recordado como graves e agudos. Os dóceis sons de cedência que ela fazia eram uma perfeita melodia secundária. Ele conseguia inclusivamente ouvir a música sussurrada das suas mãos a deslizarem sobre a pele dela.

O sol entrava pela janela, iluminando a grande cama macia que cedida debaixo deles.

O corpo dela estava já em subtil transformação, com a vida que crescia no seu interior. Brian abriu a mão sobre a barriga redonda, maravilhado e sensibilizado. Baixou reverentemente os lábios ao encontro da pele dela.

Era tolice, pensou, mas sentia-se como um soldado que regressa da guerra coberto de cicatrizes e medalhas. Talvez não fosse assim tão tolo. Não podia levá-la para a arena em que ele combatera e vencera. Ela iria sempre esperar por ele. Estava nos seus olhos, nos braços que o abraçavam ternamente. Essa promessa e paciência estavam nos lábios dela quando se abriam para os dele. A paixão dela era mais regular que a dele, menos egoísta, e equilibrava as suas necessidades mais urgentes e perigosas. Com ela, ele sentia-se mais homem, menos símbolo num mundo que parecia tão faminto de símbolos.

Quando deslizou para dentro dela, falou finalmente, proferindo o nome dela num longo e fluído suspiro de gratidão e esperança.

Mais tarde, enquanto ela descansava, sonolenta, debaixo dos lençóis amarrotados, Brian sentou-se aos pés da cama apenas de boxers. Ela estava saciada de sexo, mas a cabeça dele estava a mil. Tudo o que sempre quisera, o que sempre sonhara, estava ao seu alcance.

— O Pete mandou filmar o concerto de Atlanta. Céus, foi uma loucura, Bev. Não só os fãs aos gritos, embora tenha havido muito disso. Às vezes mal conseguia ouvir-me a cantar por causa do barulho. Era como... sei lá, estar na pista de um aeroporto com aviões a levantarem à nossa volta, mas misturadas com as barulhentas estavam pessoas realmente atentas, apenas a ouvir. Por vezes conseguia ver através das luzes e do fumo da erva e vislumbrar um rosto. E cantava apenas para esse rosto. Então o Stevie entrava num solo, como na *Undercover*, e enlouqueciam todos outra vez. Foi como... sei lá, sexo fenomenal.

— Lamento não ter aplaudido.

A rir-se, ele puxou-lhe o tornozelo. — Estou tão feliz por estares aqui. Este verão é especial. Consigo sentir isso no ar, ver nos rostos das pessoas. E nós fazemos parte disso. Já não vamos voltar atrás, Bev.

Ela ficou tensa enquanto o observava. — Para Londres?

— Não. — Ele ficou meio impaciente, meio divertido, com a interpretação literal dela. — Para como as coisas eram antes. Termos de implorar para tocar num pub de quinta categoria e ficarmos gratos por recebermos cerveja e batatas fritas como pagamento. Meu Deus, Bev, estamos em Nova Iorque! E depois de amanhã milhões de pessoas já nos terão ouvido. E vai ser importante. Nós vamos ser importantes. Foi tudo o que sempre quis.

Ela sentou-se para segurar nas mãos dele. — Tu sempre foste importante, Bri.

— Não. Eu era apenas mais um cantor desmazelado. Mas já não, Bev. E nunca mais serei. As pessoas gostam de nos ouvir. O dinheiro vai permitir-nos experimentar um pouco... fazer mais do que a típica banda de rock. Estamos no meio de uma guerra, Bev. Está uma geração inteira em convulsão. Nós podemos ser a sua voz.

Ela não compreendia os grandes sonhos avassaladores, mas fora o idealismo dele que a atraía desde o início. — Só não me deixes para trás.

— Não seria capaz. — Ele estava a ser completamente sincero. — Vou dar-te o melhor, Bev. A ti e ao bebé. Juro. Tenho de me vestir. — Beijou-lhe as mãos e sacudiu para trás o cabelo desgrenhado. — O Pete está verdadeiramente entusiasmado por estarmos em destaque naquela revista nova que vai ser lançada em novembro. — Atirou-lhe uma t-shirt multicolorida. — Anda.

— Pensei que ia ficar aqui.

— Bev... — Já tinham discutido o assunto. — És a minha mulher. As pessoas querem saber coisas sobre ti, sobre nós. — Reprimiu a irritação quando ela se limitou a ficar sentada e a passar a t-shirt por entre os dedos. — Se lhes dermos um bocadinho, não nos vão perseguir tanto. — Ele acreditava no que estava a dizer. — É especialmente importante por causa da Emma. Quero que todos vejam que agora somos uma família.

— A família devia ser assunto privado.

— Talvez. Mas já circulam artigos sobre a Emma. — Ele já os vira, dúzias deles, rotulando Emma como filha de pais solteiros. Podia ser ainda pior, refletiu ele, já que Emma não tinha sequer sido gerada com amor. Era o seu outro filho, pensou pousando suavemente uma mão na barriga de Bev, quem tinha sido feito com amor. — Preciso do teu apoio nisto.

Detestando a ideia, ela levantou-se da cama e começou a vestir-se.

Vinte minutos depois, atendeu uma batida na porta.

— Johnno.

Ele sorriu rapidamente para Bev. — Eu sabia que não conseguias ficar longe de mim. — Agarrou-a subitamente para a inclinar para trás e lhe dar um beijo. Enquanto ela se ria, ele olhou por cima da cabeça dela e viu Brian entrar. — Bem, acho que fomos apanhados. É melhor esclarecermos as coisas.

— Onde arranjaste esse chapéu ridículo? — disse simplesmente Brian.

Depois de voltar a endireitar Bev, Johnno ajeitou o chapéu de veludo branco. — Gostas? É um acontecimento.

— Faz-te parecer um chulo — comentou Brian antes de se encaminhar para o bar.

— Pronto. Eu sabia que tinha feito a escolha certa. Quase me custou a vida, mas consegui escapar daqui e fazer umas compras na Quinta Avenida. Aceito um desses, amor. — Acenou com a cabeça em direção ao whisky que Brian estava a servir.

— Saíste daqui? — Brian tinha a garrafa numa mão e um copo na outra.

— Óculos de sol, túnica florida... — Johnno franziu o nariz. — E colar de contas. Funcionou lindamente, no que toca a disfarces, até eu ter tentado voltar a entrar no hotel. Perdi o colar. — Aceitou o copo que

Brian lhe estendeu. Com um suspiro de satisfação, sentou-se pesadamente no sofá. — Brian, meu amigo, este é o lugar certo para mim. Estou em Nova Iorque.

— O Pete mata-te, se descobrir que saíste sozinho.

— O Pete que se foda — disse Johnno alegremente. — Embora não faça exatamente o meu estilo. — A sorrir, emborcou o whisky. — Então, onde está a pirralha?

— Está a dormir. — Bev agarrou num cigarro.

Quando bateram de novo à porta, Brian abriu-a. Stevie entrou sem pressa e, após um distraído aceno de cabeça em direção a Bev, encaminhou-se diretamente para o bar. P.M. seguiu-lhe os passos e, um pouco pálido, deixou-se cair pesadamente numa poltrona. — Segundo o Pete, a entrevista vai ser feita aqui — disse ele. — Ele vai trazer o jornalista. Onde arranjaste esse chapéu? — perguntou ele a Johnno.

— É uma longa e triste história, pá. — Levantou de relance os olhos e viu Emma a espreitar pela fresta da porta do seu quarto. — Não olhem agora, mas temos companhia. Olá, carinha de ameixa.

Ela riu-se baixinho, mas não entrou. Naquele momento, só tinha olhos para Brian.

Ele aproximou-se, pegou-lhe ao colo e deu-lhe umas palmadinhas no rabo. — Emma. Qual é a sensação de seres uma viajante internacional?

Ela pensava que tinha sonhado aquele momento em que o pai a aconchegara na cama e lhe beijara a face. Mas não era um sonho, porque ele estava ali a sorrir-lhe, a sua voz a afastar todo o mal-estar que ela sentia na barriga.

— Tenho fome — disse ela, oferecendo um sorriso enorme ao pai.

— Não estou surpreso. — Ele beijou-lhe a covinha ao canto da boca. — Que tal bolo de chocolate?

— Sopa — interpôs Bev.

— Bolo e sopa — corrigiu ele. — E um bom chá.

Pousou-a no chão para ligar para o serviço de quartos.

— Vem cá, Emma. Tenho uma coisa para ti. — Johnno bateu na almofada ao seu lado. Ela hesitou. A mãe dissera muitas vezes o mesmo. E a coisa fora um estalo. Mas o sorriso de Johnno era sincero. Quando a menina se acomodou ao lado dele, ele tirou um pequeno ovo de plástico transparente do bolso. No interior estava um anel de brincar com uma chamativa pedra encarnada.

Emma susteve a respiração quando ele lho enfiou na mão. Sem palavras, virou o ovo de um lado para o outro, observando o anel a deslizar.

Tinha sido um ato impulsivo, pensou Johnno. Uma máquina que aceitava moedas de vinte e cinco centavos e ele tinha trocos da sua rápida odisseia pelas lojas. Mais comovido do que queria dar a entender aos outros, abriu o ovo à menina e enfiou-lhe o anel no dedo.

— Pronto. Estamos noivos.

Emma sorriu para o anel e depois para ele. — Posso sentar-me no teu colo?

— Está bem. — Aproximou-se do ouvido dela. — Mas se fizeres xixi nas cuecas, o noivado fica sem efeito.

Ela riu-se, sentou-se ao colo dele e começou a brincar com o anel.

— Primeiro a minha mulher, depois a minha filha — comentou Brian.

— Só terias de te preocupar se tivesses um filho. — Stevie falou com a mesma facilidade com que bebia o whisky. Depois desejou ter cortado a língua. — Desculpa — resmungou quando todos se calaram. — Ressa-ca. Deixa-me com péssimo humor.

Ao ouvir bater à porta, Johnno encolheu os ombros. — É melhor colocares aquele teu sorriso famoso, pá. Hora do espetáculo.

Johnno estava zangado, mas disfarçou bem quando o jovem jornalista barbudo se sentou com eles. Ninguém fazia ideia de como era, pensou. Ninguém, à exceção de Brian, que andara com ele na escola, se tinha tornado seu amigo. Os nomes que já lhe haviam chamado... maricas, bicha, paneleiro... tinham-no magoado muito mais do que as sovas ocasionais que levava. Johnno sabia que teria, por mais de uma vez, ficado de cara esborrachada se não tivessem sido os socos prontos de Brian e a sua lealdade.

Tinham sentido afinidade um pelo outro; dois meninos de dez anos de idade com pais alcoólicos. A pobreza não era incomum na parte oriental de Londres e havia sempre desordeiros prontos para partir um braço por uns trocados. Havia formas de escapar. Tanto para ele como para Brian, o escape tinha sido a música.

Elvis, Chuck Berry, Muddy Waters. Juntavam todo o dinheiro que ganhavam, ou roubavam, para comprar os preciosos discos de 45 rotações. Aos doze anos, haviam colaborado no seu primeiro tema... um tema bastante fraco, recordou Johnno naquele momento, com muitas rimas

básicas num ritmo de três acordes, que haviam composto com a ajuda de uma velha guitarra. Tinham trocado meio litro do gin do pai de Brian pela guitarra e Brian levava uma grande tarefa. Mas tinham feito música.

Só quase aos dezasseis anos de idade é que Johnno compreendia o que era. Angustiara-se e chorara por isso, fora para a cama com todas as raparigas que o quisessem numa tentativa de mudar o seu destino. Mas a angústia, as lágrimas e o sexo não o tinham mudado.

Por fim fora Brian quem o ajudara a aceitar. Tinham estado a beber, noite dentro, na cave do prédio onde Brian morava. Desta vez, tinha sido Johnno a roubar whisky ao pai. O fedor a lixo era insuportável. Os dois tinham-se sentado, com uma vela entre eles, enquanto passavam a garrafa entre um e outro. No gravador portátil, haviam ouvido Roy Orbison cantar *Only the Lonely*. A confissão de Johnno havia saído com choro embriagado e disparatadas ameaças de suicídio.

— Não sou nada nem nunca serei. Vou ter uma vida de cão. — Bebera uns goles de whisky. — O meu pai empesta a sala e a minha mãe queixa-se e reclama e nunca faz nada para mudar isso. A minha irmã vende-se nas ruas e o meu irmão mais novo já foi preso duas vezes este mês.

— Cabe a nós sair desta vida — dissera Brian com filosofia de bêbedo. De olhos semicerrados, escutara Orbison. Ele queria cantar assim, com aquela melancolia extraordinária. — Temos de ser nós a fazer a diferença, Johnno. E faremos.

— Diferença. Não consigo fazer nada diferente. Não, a não ser que me mate. Talvez faça isso. Talvez faça exatamente isso e acabe com isto de uma vez.

— Que diabo estás para aí a dizer? — Brian abria o maço amarrado de *Pall Mall* e encontrara um cigarro.

— Sou bicha. — Johnno deitara a cabeça entre os braços e chorara.

— Bicha? — Brian parara com o fósforo a dois centímetros da ponta do cigarro. — Ora, Johnno, não sejas parvo.

— Eu disse que sou bicha! — dissera, erguendo a voz, enquanto levantava o rosto desesperado, manchado de lágrimas, para Brian. — Gosto de rapazes. Sou um maldito maricas!

Embora abalado, Brian tinha bebido o suficiente para ver as coisas de mente aberta. — Tens a certeza?

— Por que diabo diria eu isto se não tivesse a certeza? Só consegui ir para a cama com a Alice Ridgeway porque estava a pensar no irmão dela.

Era verdadeiramente repugnante, pensara Brian, embora não tivesse verbalizado. Eram amigos há mais de seis anos, tinham-se apoiado mutuamente, mentido um pelo outro, partilhado sonhos e segredos. Brian acendera outro fósforo e refletira.

— Bem, acho que se uma pessoa nasce assim, então é assim. Não é razão para cortares os pulsos.

— Tu não és bicha.

— Pois não. — Brian desejara veementemente não o ser e jurara passar as semanas seguintes a prová-lo a si mesmo com todas as raparigas que conseguisse aliciar a abrir as pernas. Não, não era maricas, garantiu a si mesmo. As acrobacias sexuais que experienciara com Jane Palmer deviam ser um bom indicador das suas preferências. Ao pensar nela, enrijeceu e ajeitou as pernas. Não era hora para excitações, mas para pensar no problema de Johnno. — Há muita gente que é bicha — dissera. — Como escritores, artistas e assim. Nós somos músicos, por isso podes ver isso como parte da tua alma criativa.

— Isso são tretas — resmungara Johnno, mas limpou o pingo do nariz.

— Talvez, mas é melhor do que cortares os pulsos. Seria obrigado a procurar um novo parceiro.

Com um leve sorriso, Johnno voltara a pegar na garrafa. — Então ainda somos parceiros?

— Claro. — Brian passara-lhe o cigarro. — Desde que eu não te deixei excitado e incomodado.

E a conversa acabara por aí.

Quando Johnno arranjava um namorado, fazia-o de modo discreto e nunca falava no assunto. A sua preferência sexual era do conhecimento da banda, mas, para sua privacidade e por insistência de Pete, ele cultivava a imagem de garanhão heterossexual. De um modo geral, isso divertia-o.

Havia senãos, embora ele detestasse admiti-los. Naquele momento, enquanto baloiçava Emma no colo, ocorreu-lhe que nunca poderia ter um filho.

E, com frustração, ao ver Brian deslizar um braço em torno de Bev, foi obrigado a reconhecer que o único homem que amava verdadeiramente nunca seria seu.